

# Dos Meios às Mediações (Algorítmicas): Mediação, Recepção e Consumo em Plataformas Digitais<sup>a</sup>

## *From Media to (Algorithmic) Mediations: Mediation, Reception and Consumption on Digital Platforms*

KÉRLEY WINQUES<sup>b</sup>

Faculdade Bom Jesus IELUSC. Joinville – SC, Brasil

RAQUEL RITTER LONGHI<sup>c</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis – SC, Brasil

### RESUMO

Algoritmos tornaram-se vetores sociais e constituidores de sentidos, pois tensionam e são tensionados pelas dinâmicas sociais da web. O artigo discute consumo e recepção online, e apresenta o *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas*, a partir das proposições de Jesús Martín-Barbero, como um instrumento de apoio à reflexão sobre pesquisas em plataformas. O mapa é uma tentativa de alinhar os estudos culturais à contemporaneidade, permeada por fluxos algorítmicos, em que as plataformas digitais ganham importância como categoria de análise das mediações institucionais na recepção. Investiga-se como os conteúdos são consumidos em um cotidiano atravessado pelas práticas sociais originadas de outras mediações do sujeito.

**Palavras-chave:** Algoritmos, mediação, recepção, estudos culturais

### ABSTRACT

Algorithms have become social vectors and constituents of meanings as they apply tension and are tensioned by the social dynamics of the web. This article discusses online consumption and reception and presents the *Algorithmic Mediation System Map*, based on the propositions by Jesús Martín-Barbero, as an instrument to support reflections on platform studies. The map attempts to align cultural studies with contemporaneity, permeated by algorithmic flows, in which digital platforms gain importance as a category of analysis of institutional mediations in reception. We investigate how the contents are consumed in a daily life that is overcome by social practices originated from other mediations of the subject.

**Keywords:** Algorithms, mediation, reception, cultural studies

<sup>a</sup> Este artigo é uma versão revista e ampliada do trabalho apresentado no GT Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias, do XXIX Encontro Anual da Compós, realizado em novembro de 2020.

<sup>b</sup> Professora nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Bom Jesus IELUSC. Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Produção Hiperídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7571-281X>. E-mail: [ker.winqes@gmail.com](mailto:ker.winqes@gmail.com)

<sup>c</sup> Professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora do Nephi-Jor. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7302-1994>. E-mail: [raqlonghi@gmail.com](mailto:raqlonghi@gmail.com)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i2p151-172>

V.16 - Nº 2 maio/ago. 2022 São Paulo - Brasil WINQUES | LONGHI p. 151-172

MATRIZES

AS ESTRUTURAS BASEADAS em algoritmos tornaram-se indissociáveis das práticas cotidianas de qualquer sujeito conectado. Motores de busca, redes sociais, aplicativos de conversa, serviços de streaming, sistemas de recomendação e assistentes virtuais estão cada vez mais no centro da economia, da política e da cultura. As plataformas digitais, apesar de serem estruturas privadas, tornaram-se espaços nos quais ocorrem importantes debates públicos e onde se verifica o confronto de visões e a articulação de opiniões.

Os algoritmos, indo além da razão instrumental, tornaram-se vetores sociais e constituidores de sentidos, pois tensionam e são tensionados pelas dinâmicas sociais estabelecidas na web. Couldry e Hepp (2020) apontam que a natureza essencialmente mediada do social também se baseia nos objetos materiais – interligações, plataformas, infraestruturas etc. – “por meio dos quais a comunicação, assim como a produção de sentidos, tem lugar” (p. 14). Todavia, não se deve abandonar o termo “social” e analisar sentidos e tecnologias de forma separada, pois simultaneamente a infraestrutura das mídias, que auxilia na construção do social, na visão dos pesquisadores, se torna mais complexa.

As tecnologias digitais conectadas à internet aumentaram consideravelmente o fluxo de conteúdo e possibilitaram a uma gama muito maior de indivíduos criar e divulgar informações, por isso, é muito mais difícil controlar o fluxo de conteúdos simbólicos na web. Desta forma, na perspectiva dos estudos culturais, além da pluralidade e hibridez de perfis presentes na rede, os usos, apropriações e produções de sentidos ocasionadas por esse trânsito complexo de informações impulsionadas pelos algoritmos é dependente do contexto familiar, histórico, institucional, cultural, social e político em que o indivíduo está inserido.

Com uma abordagem sociocultural, este artigo constitui-se a partir de dois objetivos: (1) discutir o cenário do consumo, recepção e circulação nas plataformas digitais, que definimos como *mediações algorítmicas*; e (2) introduzir o *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas* (Winques, 2020), a partir das proposições de Jesús Martín-Barbero, em uma tentativa de alinhar os estudos culturais ao contexto contemporâneo, permeado por fluxos algorítmicos. O trabalho está dividido em três partes principais: a primeira, discussão e reflexão teórica e conceitual a respeito das teorias da recepção em um campo mais culturalista e no cenário da sociedade do algoritmo. Na segunda, definimos o algoritmo e analisamos de que forma repercute nos modos de consumo e distribuição da informação, especialmente no âmbito das redes sociais. Na terceira parte, apresentamos o mapa do sistema de mediações algorítmicas como instrumento de apoio à reflexão sobre as pesquisas em plataformas digitais.

## RECEPÇÃO E MÚLTIPLAS CONVERGÊNCIAS

A análise de recepção pode ter uma perspectiva mais inclusiva, compartilhando com os estudos culturais “a concepção sobre a mensagem dos meios, considerando-a como formas culturais abertas a distintas decodificações, e sobre a audiência, definindo-a como composta por agentes de produção de sentido” (Jacks & Escosteguy, 2005, pp. 41-42). Portanto, os indivíduos são ativos, com liberdade para atuarem de diversas maneiras com os meios de comunicação – do simples consumo e uso a uma aplicação social mais relevante.

Na ótica de Ronsini (2010), a ênfase da recepção se faz presente na análise da constituição do cultural pelas mediações comunicativas. Elas permeiam a relação do receptor com o meio, e este não existe fora desta conexão: “classes sociais, gênero, etnia, família, escola, grupos de amigos, indivíduos estão sendo modelados pela cultura da mídia” (p. 11). A mesma autora acentua ainda a *socialidade*, relativamente conectada com as relações sociais, os sujeitos e seus diversos pertencimentos identitários baseados em referentes individuais, como etnia, geração ou gênero. Os movimentos de recepção, ainda, na avaliação de Lopes (2014), são parte integrante das práticas culturais e “articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle)” (p. 67). Por isso, a recepção é multidimensional, as pessoas vivem suas vidas diárias e “ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas” (p. 67).

Os estudos de recepção podem ser classificados, a partir de Denis McQuail (1997, citado por Jacks & Escosteguy, 2005), nos níveis *estrutural*, *comportamental* e *sociocultural*. No primeiro inserem-se as pesquisas de mensuração da audiência, no segundo são avaliados os efeitos e os usos dos meios, e o terceiro é representado pelas pesquisas realizadas pelos estudos culturais e pela análise de recepção. A abordagem sociocultural é vista por Escosteguy (2004) como aquela que envolve um olhar mais amplo e complexo do processo de recepção das narrativas midiáticas. Nesse caso, “são consideradas múltiplas relações sociais e culturais. Mais do que o estudo do fenômeno de recepção em si mesmo, pretendem problematizar e pesquisar, seja do ponto de vista teórico ou empírico, sua inserção social e cultural” (p. 135). Os trabalhos dessa vertente olham para os receptores como produtores de sentidos, que negociam, reinterpretem e reelaboram as mensagens midiáticas segundo características individuais, assim como por ação de agentes sociais (Jacks, 2014). Também podem aparecer determinadas mediações e práticas culturais, tais como a identidade cultural e as vivências cotidianas.

As sociedades contemporâneas têm como característica a formação de múltiplas audiências de mídia e tecnologias da informação. Ao assumir essas

<sup>1</sup>No original: “Cómo se está constituyendo el sujeto individual y colectivo como ciudadano de un país y del mundo, cuando la mayor parte de su constitución está mediatizada por sus múltiples vínculos con medios y tecnologías de información?”.

Esta e demais traduções, das autoras.

peculiaridades, Orozco Gómez (2003) avalia que o campo dos estudos de recepção deve fazer a seguinte pergunta: “Como o sujeito individual e coletivo está sendo constituído como cidadão de um país e do mundo, quando a maior parte de sua constituição é mediada por seus múltiplos elos com as mídias e as tecnologias da informação?”<sup>1</sup> (p. 11). Esse é um desafio a ser enfrentado, pois os espaços marcados pelos países, regiões e o mundo não são mais produtos de experiências diretas, mas sim o resultado de representações, grande parte eletrônicas, digitais e virtuais, feitas a partir do ecossistema dos meios de comunicação. Nessa perspectiva, o autor argumenta que recepção é sinônimo de interação, e as interações com os mediadores se multiplicam e reestruturam, no que lhe concerne, em múltiplas convergências.

No cenário das manifestações e mediações pelas redes, Orozco Gómez (2003) auxilia na compreensão de que a atividade do público não é uma mera reação a estímulos – suas ações obedecem, nem sempre de maneira consciente, a padrões socioculturais estabelecidos, aprendidos e desenvolvidos ao longo da historicidade *particular*. Além disso, todo processo de comunicação é necessariamente mediado – por diversas fontes, contextos e situações. É o *jogo de mediação* que define a interação e molda seu resultado. É preciso assumir que existem interações diretas e indiretas com a mídia. Assim, é importante entender a diversidade de cenários que permitem compreender a diversidade de mediações possíveis nos processos de recepção. “É pertinente ter em mente que a interação com um meio, além de outras coisas, é um catalisador para identidades profundas e memórias individuais e coletivas que precisamente emergem e são desencadeadas por referências da mídia”<sup>2</sup> (p. 9).

<sup>2</sup>No original: “es pertinente tener presente que la interacción con un medio además de otras cosas es un catalizador de identidades profundas y memorias individuales y colectivas que precisamente afloran detonadas por los referentes mediáticos”.

Com a introdução das redes de mídia social, a partir de meados dos anos 2000, Couldry e Hepp (2020) apontam que as mídias passaram a ser muito mais do que canais específicos de conteúdos centralizados: elas compreendem plataformas que, para muitos sujeitos, literalmente são os espaços em que, através da comunicação, encenam o social. Para entender o lugar da recepção nesse contexto, concordando com Fausto Neto (2010), é preciso pensar o papel da circulação. Antes, contudo, deve-se lembrar que os processos e articulações reúnem marcas nas quais se formalizam as interfaces entre estratégias de ofertas e apropriações de discursos. Para o autor, o domínio da circulação não é apenas um conceito que remete à noção de intervalo, ou defasagem, conforme se supunha nos primeiros estudos de recepção ou efeitos. É no âmbito da complexa articulação que o autor enxerga a circulação entre as propriedades do discurso proposto e as estratégias de apropriação do indivíduo. Ainda, o avanço das transformações sociotécnicas engendradas “pela midiática e suas repercussões sobre a organização social permite compreender a saída de parte de

sua problemática, de uma região invisível, para se transformar em dispositivos (com visíveis marcas) sócio-técnico-discursivos” (Fausto Neto, 2010, p. 63). Esses dispositivos vão reformular os processos de interação, especialmente o lugar do conceito de recepção.

A partir da ampliação dos canais de comunicação na internet, em uma tentativa de definir o sujeito conectado, surgiram diversos conceitos: *prosumidor*<sup>3</sup> (Castells, 2003); *gatewatchers*<sup>4</sup> (Bruns, 2003); *interagente*<sup>5</sup> (Primo, 2007); *internauta*<sup>6</sup> (García Canclini, 2008); *leitor-produtor*<sup>7</sup> (Brignol, 2010) etc. Todos esses termos, em geral, apontam para o usuário/cidadão como agente participativo no processo produtivo nos mais variados níveis da construção de narrativas e informações em rede. Os receptores tornaram-se cooperadores dos processos que integram a cena produtiva midiática, nos mais variados formatos e gêneros. No campo científico, Stuart Hall inaugurou, pela perspectiva dos estudos culturais e ainda na década de 1980, a ideia de que o sujeito é ativo no processo de comunicação. Os estudos latino-americanos de recepção, na esteira de Hall, conferiram ao receptor lugar de protagonista, afirmando sua cooperação nos processos de formação de sentidos. Os deslocamentos dos meios às mediações, abordagem elaborada por Jesús Martín-Barbero, em *De los Medios a las Mediaciones*, publicado em 1987; e os processos de hibridização cultural, tema desenvolvido por Néstor García Canclini, em *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*, de 1990, representam dois destes principais eixos de reflexão.

Nesta diversidade de cenários, as plataformas digitais são adicionadas como uma estrutura fundamental no jogo de mediações. Essa relação é considerada como pertinente por Bucher (2020), pesquisadora que tem se destacado no estudo dos algoritmos. Questionada se a produção de sentidos em relação aos algoritmos relaciona-se aos estudos de recepção e consumo midiáticos, a autora apontou para a perspectiva de ser um trabalho de relação de sentidos e de interpretações. Ela introduziu a ideia de *imaginários algorítmicos*, para dar conta dessa relação entre produção e consumo, ou seja, como as pessoas experimentam e entendem suas interações com os algoritmos em sua vida cotidiana. Tais relações, na percepção de Bucher, são muito mais cíclicas e multidimensionais do que pensavam os tradicionais estudos de audiência.

## SUJEITO CONECTADO, CIRCULAÇÃO E A PULVERIZAÇÃO DO ALGORITMO

A adaptação de conceitos da teoria da comunicação para compreender como os algoritmos atuam – e são percebidos – nos processos comunicacionais em

<sup>3</sup> O termo se refere aos sujeitos que são receptores, criadores, ressignificadores e distribuidores das informações na comunicação, e tudo ocorre ao mesmo tempo.

<sup>4</sup> O conceito trata de indivíduos envolvidos em organizar e realizar uma curadoria da variedade de conteúdos disponíveis em uma multiplicidade de canais. O objetivo não é controlar os “portões” dos canais, mas participar de um esforço distribuído e organizado de observar quais informações passam por eles.

<sup>5</sup> O termo abarca a participação e a troca entre tecnologia-sujeito – homem-máquina – e sujeitos entre si na web.

<sup>6</sup> Ser internauta, segundo García Canclini (2008), “aumenta, para milhões de pessoas, a possibilidade de serem leitores e espectadores” (p. 54).

<sup>7</sup> A concepção trata dos indivíduos que se apropriam das mídias a partir de suas necessidades e interesses, ressignificando-as em suas práticas cotidianas.

plataformas digitais, de fato, parece ter um lugar de destaque nas discussões mais recentes que envolvem as relações dos indivíduos com a informação. Lomborg e Kapsch (2019) procuraram adaptar o conceito de *decodificação*, de Stuart Hall, como um dispositivo para sondar como as pessoas conhecem e entendem algoritmos. Para os autores, este conceito é útil porque destaca uma característica fundamental da comunicação: as lacunas que devem ser preenchidas pela mobilização de nosso conhecimento semiótico e sociocultural em processos de interpretação, o que se dá antes que qualquer comunicação faça sentido.

Ao não sermos capazes de abrir essa caixa preta, nós podemos estudar as relações que as pessoas experimentam com algoritmos, e por extensão, como e em que medida essas relações se tornam significativas e estão entrelaçadas com as reflexões dos usuários sobre poder, transparência e justiça nos meios digitais<sup>8</sup>. (Lomborg & Kapsch, 2019, p. 2)

<sup>8</sup>No original: "If we cannot open the black box itself, we can study the relationships that people experience with algorithms, and by extension how and to what extent these experienced relationships become meaningful and are interwoven with users' reflections of power, transparency, and justice in digital media".

Os autores reforçam que, como parte das infraestruturas digitais da vida cotidiana, os algoritmos também se tornam produtivos e poderosos por meio dos significados atribuídos a eles em cenários concretos. No contexto dos modos de interação com os meios digitais, dessa forma, eles identificam:

várias práticas dos indivíduos, como o uso de táticas de proteção e tentativas deliberadas de influenciar ou contornar sistemas algorítmicos através de interações com eles, sublinhando que, enquanto os algoritmos fazem coisas às pessoas, as pessoas também fazem coisas aos algoritmos<sup>9</sup>. (Lomborg & Kapsch, 2019, p. 11)

<sup>9</sup>No original: "However, we did find several accounts of users performing protective tactics and deliberate attempts to influence or circumvent algorithmic systems through interactions with them, underlining that while algorithms do things to people, people also do things to algorithms".

O estudo mostra que os sujeitos passam a ter maior consciência da existência de objetos técnicos e invisíveis, como os algoritmos, e de suas consequências nas mediações e formações de sentidos.

As mídias sociais não têm uma fronteira específica, ou seja, um início, meio e fim. Isso se deve à forma como elas são operadas pelos sujeitos, que mantêm relações contínuas, internas e externas. Os limites da circulação, no âmbito das plataformas digitais, podem estar nos algoritmos. Fausto Neto (2019) avalia que as plataformas impõem suas próprias regras e prescrições, organizam enunciações e circulam, na forma de enunciados, a sistematização de novas mensagens. Logo, o lugar da recepção não está somente nas métricas, nos comentários e compartilhamentos que os conteúdos recebem. O lugar da recepção também está nos rastros digitais, que se estabelecem pelo espaço social e cultural que o sujeito ocupa ao construir seus diálogos online e offline, ou seja, pelas dimensões do cotidiano e suas interações.

Algoritmos, como instrumentos técnicos, constroem e implementam regimes de poder e de conhecimento (Beer, 2009; Gillespie, 2018), e o seu uso tem implicações normativas e performativas porque os indivíduos atribuem sentidos às informações que recebem. De fato, ao assumirmos as ferramentas computacionais como nossa forma primária de expressão, como observa Gillespie (2018), o discurso e o conhecimento humanos são submetidos às lógicas de procedimentos que sustentam a computação – lógicas que, além de técnicas, são demarcadas por interesses comerciais (Couldry & Mejias, 2018; Srnicek, 2017; Zuboff, 2020) e políticos (O’Neil, 2016; Silveira, 2019), e, ainda, por vieses humanos (Benjamin, 2019; Crawford, 2021; Noble, 2021; Silva, 2021). Sendo assim, não somente é preciso questionar os algoritmos como elementos-chave dessa configuração do sistema informacional, como também as formas culturais que emergem de suas sombras. Nas palavras Gillespie (2018), existem “implicações específicas quando usamos algoritmos para selecionar o que é mais relevante a partir de um corpus de dados composto por rastros de nossas atividades, preferências e expressões” (p. 97).

Para Uricchio (2017), o algoritmo atingiu um ponto de inflexão ao impactar e mesmo redefinir as relações sujeito-objeto. Ao fazê-lo, levanta algumas questões epistemológicas bastante fundamentais. Combinado com dados, em um cenário que junta o surgimento de *big data*, poder de processamento e redes de alta velocidade, pode estar definindo uma era epistêmica emergente.

Como os dados, os algoritmos podem ser gerados por humanos ou por máquinas. E embora seja uma ideia antiga, o algoritmo ... atingiu um ponto de inflexão em termos de suas operações culturais: agora está sendo implantado de maneiras que redefinam as relações sujeito-objeto de longa data e, ao fazê-lo, apresenta algumas questões epistemológicas bastante fundamentais<sup>10</sup>. (Uricchio, 2017, p. 125)

Considerado um agente que configura a vida coletiva de diversas formas, o algoritmo é visto por Kitchin (2016) como um instrumento que guia e molda a maneira como pessoas, animais e objetos técnicos interagem e atravessam diversos sistemas. Beer (2009) observa os algoritmos como agentes poderosos, capazes de moldar formações culturais e sociais. Aliando-se a esses autores, neste horizonte de análise sociológica dos algoritmos, é que Gillespie (2018) percebe o algoritmo não apenas como abstração. O autor observa que as análises devem salientar e revelar as escolhas humanas e institucionais que estão por trás de suas elaborações. Essa argumentação leva ao centro da questão discutida neste artigo: os algoritmos que compõem a rede também devem ser vistos pela perspectiva das mediações, com uma visão que não perca de vista o poder

<sup>10</sup>No original: “Like data, algorithms can be human- or machine-generated. And although an ancient idea, the algorithm has . . . reached a tipping point in terms of its cultural operations: it is now being deployed in ways that redefine long-held subject-object relationships and, in so doing, it poses some rather fundamental epistemological questions?”



político, social e econômico que se revela por meio dos códigos que conduzem experiências e interações.

Os algoritmos, especialmente os de aprendizagem da máquina<sup>11</sup>, fazem classificações por meio de formas e conjuntos de modelos variados: histórico de navegação, informações geográficas, sexo, idade, comportamento, preferências políticas, profissão, rendimento, trabalho, informações temporais etc. Outras análises contam dias da semana de acesso aos conteúdos, intervalos de tempo, permanência, engajamento, assiduidade, frequência etc. – um sistema de sinais construído com base nas informações resultantes da interseção de estratégias sociais, culturais, políticas, econômicas e informativas. Sinais claros de vigilância. Uma vigilância digital que se configura fundamentada no “monitoramento sistemático, automatizado e à distância de ações e informações de indivíduos no ciberespaço, com o fim de conhecer e intervir nas suas condutas ou escolhas possíveis” (Bruno, 2008, p. 11). Quanto mais tempo um sujeito se detiver em um aplicativo ou plataforma digital, mais dados sobre seus hábitos, gostos e comportamentos serão coletados (Beer, 2009; Couldry & Mejias, 2018; O’Neil, 2016; Silveira, 2019; Srnicek, 2017).

Posto isso, o tópico final apresenta o *Mapa Sistema de Mediações Algorítmicas* (Winques, 2020). Trata-se de um mapa que assume uma releitura dos mapas noturnos de Martín-Barbero, enquanto traz uma conexão com o cenário contemporâneo, permeado por plataformas digitais, diversidade de mídias e algoritmos.

## MAPA DO SISTEMA DE MEDIAÇÕES ALGORÍTMICAS

As mediações de Martín-Barbero são o *lugar* em que é possível compreender as interações entre o espaço da recepção e o da produção. Conforme Lopes (2018), “a cartografia barberiana diz respeito a um *método estratégico-rizomático* e as mediações devem ser vistas como dispositivos que se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização” (p. 51). A leitura das mediações feita por Martín-Barbero se dá por meio de quatro mapas, apresentados nas diferentes reedições da obra *De los Medios a las Mediaciones*. O resgate é feito por Lopes (2018), e as publicações são marcadas pelos anos: 1987, 1998, 2010 e 2017<sup>12</sup>. O método de cartografar mostra uma epistemologia que se utiliza dos rastros. Uma mirada mais abrangente sobre Martín-Barbero e os mapas na sua integralidade podem ser vistos nas análises de Lopes (2018), Jacks e Escosteguy (2005) e Jacks et al. (2019).

No cenário contemporâneo, os meios digitais deslocam os saberes. Tais dispositivos estão “modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras

<sup>11</sup>Na aprendizagem de máquina (*machine learning*) as funções são executadas pelo próprio algoritmo, em outras palavras, existe uma ação humana na elaboração dos códigos, porém, posteriormente, à medida que novos inputs são adicionados, a máquina passa a agir conforme as interações acontecem.

<sup>12</sup>O mapa de 2017 não faz parte de uma introdução de uma reedição da obra do autor; foi apresentado em uma entrevista de Martín-Barbero a Omar Rincón, em 22 de maio de 2017 (Rincón, 2017).



entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum” (Lopes, 2018, p. 58). Essa mutação tecnológica passou a configurar o ecossistema comunicacional, e tal historicidade auxiliou na elaboração do último mapa proposto por Martín-Barbero (Figura 1). Neste mapa, interpretado por Rincón (2019) e Lopes (2018), aparecem dois novos eixos – *tecnicidades* e *sensorialidades* – e três novas submediações – *narrativas*, *redes* e *cidadanias*.

**Figura 1**

Quarto mapa metodológico das mediações (2017)



Nota. De “A Teoria Barberiana da Comunicação”, por M. I. V. Lopes, 2018, *MATRIZES*, 12(1), p. 58. (<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p65-80>).

As *tecnicidades* implicam uma reconfiguração da sensorialidade e da socialidade. Lopes (2018) observa que Martín-Barbero propõe pensar a teoria da *sensibilidade* em diálogo com Jacques Rancière e a *partilha do sensível*. Isso ocorre de duas formas: primeiro, o autor recusa reduzir a estética a uma reflexão meramente especulativa; de maneira oposta, aponta para a necessidade de alargá-la a uma reflexão vinculada aos diversos regimes de sensibilidade que coexistem em uma sociedade; segundo, a cartografia deixa exposto que a disposição das posições e das competências dos indivíduos têm como pilar o olhar descentralizado do pesquisador, que observa as margens e a valorização do fluxo comunicacional e do intercâmbio cultural.

Rincón (2019) observa que uma das chaves é ler o sensorio atual habitado pela instabilidade e caos no indivíduo, na política e na sociedade. Isso porque se observa a existência de diversas crises, tais como a ambiental e a política, e, ao mesmo tempo, assiste-se a um certo otimismo tecnológico. Já a mediação da socialidade “revela traçados que vão demarcar as diferentes experiências com o

sensível, ou com o ‘tomar parte na partilha’ mencionado por Rancière. Portanto, a cartografia pode ser um instrumento para promover novos parâmetros de representação da partilha do sensível” (Lopes, 2018, p. 60).

As *narrativas* se conjugam conceitualmente pelo amálgama do ritual. Enquanto histórias da vida cotidiana moldadas por rituais, as narrativas produzem histórias que permanecem na memória coletiva, segundo Rincón (2019). No caso das *redes*, trata-se do modo como o mundo natural e o ecossistema podem ser lidos. Para o autor, a rede é a linguagem contemporânea e os fluxos são a profundidade.

Rincón (2019) observa que as *cidadanias*, que se referem aos cidadãos, são mais perenes. Elas moram nas cidades, nos direitos e nas formas de ganhar poder na vida cotidiana. Já as *identidades* são as formas assumidas pelas performances sociais. Há ainda as figuras e os personagens que tratam do efêmero, do fragmentário, mas com o poder da performance e da enunciação. Por fim, em relação aos eixos de espaço e tempo, na contemporaneidade é possível habitar o tempo da cidade e o tempo virtual. Na visão do autor, a relação é espaço-tempo, os espaços habitam os tempos.

A *crise de identidade* do conhecimento na sociedade contemporânea, na visão de Martín-Barbero (2011), está estruturalmente conectada à sociedade do mercado, que norteia a lógica e a dinâmica da produção e circulação de saberes. Essa questão se intensifica se observamos, por exemplo, o cenário do capitalismo de plataformas (Couldry & Mejias, 2018; Srnicek, 2017). Em contrapartida, as novas tecnologias de comunicação e informação colocam a necessidade de investigar o sentido da *mutação cultural* que elas introduzem em todos os campos da sociedade. Na perspectiva de Martín-Barbero (2011), quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser instrumental para se tornar estrutural, é o próprio lugar da cultura na sociedade que muda. Portanto, a tecnicidade, termo cunhado pelo antropólogo André Leroi-Gourhan no século XX, refere-se hoje à tecnologia que não está só nos dispositivos, mas nos novos modos de percepção e linguagem, em novas sensibilidades e escritos.

A questão da técnica, para o autor, torna-se cada vez mais crucial, à medida que o tecnicismo ameaça a diversidade cultural das técnicas, tornando-se um conector universal do global. Um tecnicismo mundial diz respeito não somente ao mundo dos objetos, mas também aos sujeitos e aos seus laços sociais; conseqüentemente, a sociedade não está somente diante de avatares da economia, mas também de outras premissas de cultura e política. Apesar de a tecnologia sempre ter sido avaliada como um mero instrumento, Martín-Barbero (2011) atenta para a necessidade de enxergá-la como razão no sentido proposto por Martin Heidegger, em uma dimensão constitutiva

das mudanças socioculturais, o que paradoxalmente revela o processo inverso sofrido pela política: a “perda da densidade simbólica”, que é a perda da capacidade de convocar e manter os sujeitos unidos. Portanto, na visão do autor, o atual estágio tecnológico está abalando as imagens do mundo e as coordenadas da experiência sensível.

Desta forma, à luz dos mapas de mediações de Martín-Barbero e dos autores citados anteriormente, propõe-se o *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas* (Figura 2), que possui como mediações básicas: *institucionalidade* e *tecnicidade*, no eixo horizontal; e *temporalidades* e *fluxos*, no vertical. Como eixos de sub-mediações aparecem: *narrativas*, *algoritmos*, *socialidade* e *cidadania*.

**Figura 2**

*Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas*



*Nota.* De *Mediações Algorítmicas e Espiral do Silêncio: As Dimensões Estruturantes Igreja e Sindicato na Recepção de Conteúdos Noticiosos em Plataformas Digitais*, por K. Winkes, 2020, p. 160.

No que se refere ao eixo horizontal da institucionalidade, considera-se que é preciso reconhecer a institucionalização das formações midiáticas na sociedade contemporânea. Jacks (1999) observa que as mediações são realizadas pelas instituições às quais o sujeito pertence ou possui algum tipo de contato: partido político, bairro, religião, empresa, escola etc. Outro ponto é que a autora, assim como Orozco Gómez (2005), considera a televisão como uma instituição que, juntamente com as mencionadas acima, medeia a relação do sujeito que produz e reproduz sentidos e significados a partir do discurso televisivo.

Por isso, a aplicação da dimensão institucional abarca pensar que instituições como igreja, escola, família, partidos e sindicatos têm importância na formação das mediações, porém, é preciso considerar as diversas mídias, especialmente as plataformas digitais, como instâncias mediadoras dos modos

de ver, pensar e agir. É preciso caracterizá-las dessa forma pois se tornaram parte indispensável do cotidiano dos sujeitos. Seus gêneros comunicativos, narrativas, códigos e símbolos passam pela digitalização, entretanto, não são apenas algoritmos e trocas vazias de sentido, são formas institucionalizadas de interação social. Ao optar pela perspectiva institucional, concorda-se com Hjarvard (2015) e Couldry e Hepp (2020), quando afirmam que é importante considerar as diversas mídias – especialmente as novas. Em uma visão mais sociológica, Hjarvard (2015) pondera que uma instituição é um campo da vida social ou um domínio identificável, governado por um conjunto de regras formais e informais determinadas, e ainda “apresenta uma estrutura particular, desempenha determinadas funções sociais, e aloca recursos para a ação social de maneiras variadas” (p. 56).

Os novos formatos de mídia, propagação e interação, tais como a internet e os dispositivos móveis, em comparação com as mídias de massa, possuem uma inserção diferente nas práticas cotidianas. Isso se deve à integração de uma variedade de contextos institucionais privados, semi-privados e públicos. No processo de institucionalização dos padrões de interação social, na concepção de Hjarvard (2015), a mídia pode servir a uma variedade de usos, mas são suas *affordances*, quer dizer, suas possibilidades comunicativas, estéticas e sociais, que determinam quais padrões de interação social serão dominantes. Entretanto, no que tange às formas privadas de interação, o ponto central é que a influência das mídias utilizadas “decorre mais das *affordances* das mídias e menos de um *modus operandi* da instituição da mídia semi-independente” (p. 57). Falar de institucionalização envolve uma alocação de recursos, tanto em termos de investimentos econômicos como de aprendizado social de utilização da mídia. O autor cita como exemplo o Facebook, que inicialmente era moldado por desenvolvedores particulares e sistema de mídia, mas que, após atingir uma posição dominante, passou a estruturar a interação dos indivíduos de uma maneira difícil de contornar – especialmente porque existem algoritmos que auxiliam na circulação e que contribuem para uma lógica baseada no capitalismo de plataforma e colonialismo de dados (Couldry & Mejias, 2018; Srnicek, 2017).

Na avaliação de García Canclini (2020), empresas como Google, Apple, Facebook e Amazon não são apenas os maiores complexos de negócios tecnológicos, mas também reconfiguram os significados de coexistência e de interações. Por isso, optou-se por manter a socialidade e a cidadania conectadas à dimensão institucional; pois a atuação das instituições auxilia na formação das relações cotidianas e dos laços sociais e nos modos de o cidadão desenvolver a sua participação política e identidade.

A socialidade faz parte da construção e desconstrução da sociedade. Cogo e Brignol (2011) entendem as redes como um espaço de interação social, “de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que não deixam de comportar relações de poder expressas nas disputas, hierarquias e assimetrias que constituem a esfera da comunicação e da cultura” (p. 82). As redes manifestam um modo de formar laços e estar junto e, de maneira conjunta, podem implicar formas de participação e integração social. É possível pensar também na *sociabilidade programada*, conceituada por Bucher (2012), que considera que as plataformas e as suas dinâmicas algorítmicas possuem um papel importante nas dimensões que auxiliam na construção do espaço comum. A visão tecida pela autora permite considerar a socialidade como um processo contínuo de montagem e reconfigurações que envolve atores humanos e não-humanos.

A cidadania emerge como uma dimensão problematizada sobretudo pelas inter-relações que estabelece e que envolvem as instituições e a identidade cultural. As inter-relações entre o tecnicismo e a constituição das novas cidadanias no campo cultural devem ser problematizadas em uma perspectiva que leve em consideração a pluralidade de cenários comunicacionais. Bonin e Morigi (2019) observam a relevância em se considerar as novas formas de monitoramento, vigilância e controle introduzidas pelos conglomerados tecnológicos. Outros aspectos se referem ao uso de algoritmos que limitam significativamente as possibilidades de desenvolver interações estendidas em rede, bem como o fenômeno da disseminação de conteúdos falsos, que expressa o uso deliberado de desinformações como uma manobra de poder e controle dos cidadãos.

A formulação de tecnicidade se adequa à visão mais recente de Martín-Barbero (2011); o autor avalia que há um novo tipo de técnica, cuja peculiaridade está na sua associação com uma nova economia cognitiva governada pelo deslocamento do número que, como sinal de domínio sobre a natureza, gradualmente se torna o mediador universal do conhecimento. Por esse ângulo, o autor observa que as redes de computadores transformaram a relação com o tempo e o espaço, pois mobilizam figuras de conhecimento que escapam à razão dualista: “trabalhando interativamente com sons, imagens e textos escritos, o hipertexto hibridiza a densidade simbólica com a abstração numérica e faz que as duas partes (até agora ‘opostas’) do cérebro sejam redescobertas”<sup>13</sup> (p. 113). Fica claro que na visão do autor o computador não é uma máquina tradicional de produção de objetos simbólicos, mas sim um dispositivo portador de um novo tipo de tecnicidade, constituída pelo processamento de informações, pela produção simbólica e pelas relações entre a ordem do discursivo (lógica) e a do visível (a forma). Apesar da mudança de olhar, Martín-Barbero não assume a prioridade dos meios, apenas reconhece que a comunicação “se adensa” com

<sup>13</sup>No original: “al trabajar interactivamente con sonidos, imágenes y textos escritos, el hipertexto hibrida la densidad simbólica con la abstracción numérica, y hace que se reencuentren las dos (hasta ahora ‘opuestas’) partes del cerebro”.

as novas dimensões da tecnicidade, que o comunicativo está se tornando mais forte e que as novas mídias são parte das experiências simbólicas – o que envolve pensar as diversas interfaces de multimediasções.

Essas experiências simbólicas são formuladas também pelas narrativas e pelos algoritmos. Para Silva e Baseio (2019), “a mediação narrativa sugere analisar processos comunicativos sob a perspectiva das práticas, lidando com fragmentos, rituais e repetições reproduzidos no tempo e no espaço cotidianos”<sup>14</sup> (p. 180). A complexidade social, coberta por tecnologias digitais, fornece novos meios de criar, recriar, ler e reler narrativas. Assim, é preciso considerar a experiência do sujeito que, em termos de suas expectativas, cria novas possibilidades de narração. Fotos, vídeos, textos e áudios compõem as narrativas do cotidiano. Cogo e Brignol (2011) observam que a hibridação de diferentes formas discursivas traz consequências para a recepção. O mesmo acontece com o hipertexto, composto por uma estrutura não sequencial, que “faz pensar também sobre o conteúdo e as mensagens construídos através de fluxos heterogêneos, num contexto de processos inter-relacionados” (p. 85).

Se o modelo das plataformas de redes sociais, busca, relacionamento, compras, mobilidade etc. envolve mudanças significativas nas relações institucionais e nas práticas culturais emergentes, os algoritmos podem ser considerados agentes que medeiam, de modo intenso e acelerado, a transformação da sociedade. Como dispositivos de organização, modulação e performatividade, deixam o campo de objeto numérico para se apropriar dos referenciais culturais dos usuários. Os objetos aparentemente técnicos encontram nas regularidades de acesso, cliques, comentários e compartilhamentos os referenciais dos sujeitos que vão auxiliar na condução da experiência que se desenvolve por meio da interatividade e do hipertexto, que, conseqüentemente, auxiliam no encontro com as narrativas presentes na rede. É assim que os algoritmos se referem à tecnicidade, pois não estão restritos às gramáticas discursivas formuladas por práticas de enunciação, mas servem para compreender a destreza discursiva e seus operadores performativos.

Os ritos cotidianos não se restringem mais ao ato de ligar a TV ou ler o jornal, eles são marcados por diversos espaços tecnológicos. A ritualidade perpassa atos como abrir o Instagram, checar as mensagens de WhatsApp, ligar o rádio ou assistir a um filme na Netflix. Como apontado por Fausto Neto (2010), não existe mais “programação”, o próprio indivíduo é o operador/programador. Por isso não é possível encontrar a dimensão exata da tecnicidade e suas conexões com as narrativas, a socialidade, a cidadania e os algoritmos, mas é viável pensar nas produções, reproduções e reelaborações de sentidos, que podem ser contempladas e compreendidas por meio de metodologias

<sup>14</sup>No original: “La mediación narrativa sugiere analizar los procesos comunicativos en la óptica de las prácticas, ocupándose de los fragmentos, de los ritos y de las repeticiones reproducidas en el tiempo y espacio cotidianos”.

ligadas ao processo de *escuta* dos sujeitos (Bonin, 2013) – tais como entrevistas, grupos focais, etnografia etc., ou, ainda, por meio de técnicas de análise de redes sociais (Sloan & Quan-Haase, 2016); que visam, sobretudo, a um mapeamento dos rastros deixados na rede. O emergente campo da análise de redes sociais dedica-se a investigar cenários nos quais as redes, especialmente as de mídia social, passam a ser reconhecidas como epicentro de relações interpessoais. Isso inclui consumo de informações, acompanhamento de coletividades e individualidades, análise de sentimentos, fortalecimento de agendas específicas, entre outros.

Finalmente, o eixo vertical é marcado pelas temporalidades e pelos fluxos. Martín-Barbero (2017) observa que a *nova era do sensível* envolve a superação da sequência linear ininterrupta do tempo da informação e potencializa novas temporalidades, que rompem velhas fronteiras de conhecimento e pertencimento. Assim, os novos cenários de dispositivos e de diálogos abrem espaço para as discussões sobre os migrantes do tempo: homens e mulheres localizados no presente a partir de temporalidades múltiplas e até distantes, configurando uma nova espécie de comunidade mundial sem mapas. Ao tratar da nova era do sensível, o autor argumenta que se trata menos de dispositivos e mais de captar como, articulando técnica e cultura, os indivíduos estão diante de novas formas de perceber, sentir e estar no meio. São temporalidades mais precárias, mas também mais flexíveis. Isso porque estão na base da experiência da cultura de fragmentação que se expressa por meio da crescente identificação com histórias fragmentadas em vídeos, áudios, textos, fotos etc. São ambientes de temporalidades e espacialidades mais efêmeras.

As temporalidades estão diretamente conectadas aos fluxos, que são os espaços descentralizados e os de múltiplas espacialidades. Martín-Barbero (2018) propõe que as múltiplas espacialidades são o espaço: (1) *habitado*: de território, proximidade e pertencimento; (2) *produzido*: que tece as redes eletrônicas; (3) *imaginado*: da nação e de sua identidade; e (4) *praticado*: que envolve a subjetividade emergente da nova relação com a cidade e dos modos de sua apropriação. Essa relação permite a discussão sobre as tecnologias de comunicação e as espacialidades possibilitadas por elas, gerando novas socialidades e cidadanias em um mundo de fragmentação espacial e de isolamento de indivíduos. Adotar o termo fluxos é pensar sobre a posição de uma geografia que reconheça a espacialidade, também presente na virtualidade, como um lugar de contradições e disputas.

É a partir dos fluxos, temporalidades, tecnicidades, algoritmos, narrativas e instituições que as mediações cognitivas e situacionais propostas por Orozco



Gómez (2005) podem ser observadas ou desencadeadas. A primeira ocorre por meio de scripts, tratados pelo autor como roteiros mentais que indicam os enquadramentos e a relevância cultural de determinados temas, situações e modos de percepção postos em negociação na comunicação. A mediação cognitiva é, portanto, um conjunto de fatores que influem na percepção, apropriação e processamento de elementos e acontecimentos diretamente relacionados à aquisição de conhecimento – que pode acontecer tanto por meio do processamento da lógica da informação quanto pelos sistemas de crenças de valores (racionais ou irracionais) do indivíduo. Um roteiro, conseqüentemente, resulta da interação do sujeito com os demais e com o seu meio. Por isso, essa percepção pode ser avaliada também pela formação de esquemas no ambiente das plataformas digitais, que ocorrem por uma maior atenção ou sensibilidade para certos temas e desprezo por outros.

Já as mediações situacionais envolvem um tipo de relação específica com os meios, conectada ao tipo de espaço em que esse encontro ocorre, à forma pela qual esses disputam atenção de seus usuários – que podem estar sozinhos ou em grupo. Por esse ângulo, também podem ser observadas as *comunidades de apropriação* através das quais a mensagem transita dentro de um mesmo público, até receber uma interpretação final – porém não definitiva. Assim, o sujeito “leva a mensagem às diferentes comunidades a que pertence, nas quais esta vai ganhando ou perdendo sentido, gerando produção de novos significados ou a reprodução de significados propostos” (Jacks, 1999, p. 58). As comunidades de apropriação também podem variar conforme o indivíduo; dentro de uma mesma audiência podem ocorrer apropriações específicas. “O pertencer a diversas comunidades de apropriação faz com que o receptor tenha diversas *comunidades de referência*, cuja relevância no processo de recepção vai ser determinada pela situação empírica do objeto de análise” (Jacks, 1999, p. 58). Ao visualizar um conjunto de informações, uma pessoa terá a possibilidade de confrontar o material com a própria personalidade e com outras comunidades de referência; por esses motivos, sua identidade é construída reiteradamente por comunidades de apropriação.

Os *mediadores socioculturais*, segundo Martín-Barbero (2015), são “tanto ... figuras institucionais e tradicionais – a escola, a família, a igreja, o bairro” (p. 20), quanto “os novos atores e movimentos sociais emergentes que, como organizações ecológicas ou de direitos humanos, os movimentos étnicos ou de gênero, introduzem novos sentidos do social e novos usos sociais dos meios” (p. 20). Portanto, os algoritmos, diante do exposto, se inserem como mediadores culturais e infraestruturais que precisam ser enfrentados política, técnica e expressivamente. Além disso, sugere-se o reconhecimento das mediações algorítmicas

como parte da complexidade contemporânea que envolve os processos e os meios de comunicação. As mediações e o mapa descrito acima vinculam-se ao pressuposto de que a recepção não se dá apenas durante o ato de acessar os conteúdos na web, usar plataformas de mídia social como Facebook, Instagram, TikTok, Twitter ou fazer uma pesquisa em buscadores como o Google. Ela começa antes e termina depois. A produção de sentidos se dá por meio da combinação das diversas mediações que intervêm no processo de recepção.

A utilização dos mapas noturnos, conforme Jacks (1999) e Lopes (2018), não requer uma aplicação explícita de todas as categorias analíticas. Porém, esses mapas são fundamentais para o desenho da investigação, objeto de estudo e todo o processo analítico de conjuntura em que o estudo em desenvolvimento está inserido. Por fim, o *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas* é um modelo que reúne as concepções teóricas dos estudos culturais, das teorias da recepção, dos estudos de plataformas e dos estudos críticos sobre algoritmos. Ao fazer uma releitura dos mapas noturnos de Martín-Barbero, trata-se de uma tentativa de alinhar os estudos culturais ao contexto contemporâneo, permeado por fluxos algorítmicos e múltiplas temporalidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange às pesquisas de recepção com foco na internet no Brasil, Pieniz et al. (2017), a partir da análise de teses e dissertações defendidas entre 2010 e 2015, identificaram um aumento exponencial na quantidade de estudos – comparação feita com os achados de Pieniz e Wottrich (2014), na primeira década dos anos 2000<sup>15</sup>. No trabalho mais recente, os autores apresentaram 235 pesquisas, das quais 11 tratam somente da internet, 41 investem na convergência midiática, 52 observam as conversações em rede e 131 focam nos usos e competências das plataformas – com predominância do Facebook, Twitter e YouTube. Sobre os temas, destaque para: política, cultura, religião, identidade e moda. Os conceitos com maior incidência são: cibercultura, ciberespaço, mídias digitais e a definição de interação. A principal crítica é que os trabalhos estão mais focados nos descritivismos das manifestações dos sujeitos: “novos estudos podem realizar uma análise mais profunda dos fenômenos e do próprio processo de comunicação” (Pieniz et al., 2017, p. 33).

Os algoritmos, diante do exposto, também devem ser considerados pela perspectiva das mediações, sem perder de vista o poder político e econômico que se revela por meio dos códigos que conduzem experiências e interações, signos e símbolos. Christin (2020), Lomborg e Kapsch (2019) e Winques (2020) enfrentam essa problemática e caminham na perspectiva de reconhecimento dos

<sup>15</sup>Pieniz e Wottrich (2014) analisam que as pesquisas de recepção dos anos 2000 manifestam mudanças, “ora com trabalhos referentes a um cenário midiático tradicional, com fronteiras bem determinadas entre emissores e receptores, ora com trabalhos referentes a um cenário midiático em reconfiguração, com análises de espaços empíricos da internet” (p. 74). Dessa forma, percebem que nesse processo de entrada da recepção nos estudos de internet, entre 2000 e 2009, são 31 trabalhos que envolvem o meio online.

algoritmos como objetos simbólicos de negociações, representações, contradições e de produções de sentidos.

Christin (2020) analisou as maneiras como os jornalistas lidam com os dados do público. Com base em quatro anos de trabalho de campo em redações nos Estados Unidos e na França, a autora descobriu diferenças cruciais e paradoxais em como os jornalistas americanos e franceses entendem a análise do público e como isso afeta as notícias produzidas. Ao contrário da crença de que os algoritmos são forças homogeneizadoras, a pesquisadora mostrou que as tecnologias computacionais podem ter ramificações divergentes e que os sujeitos podem desenvolver apropriações contestatórias. Lomborg e Kapsch (2019), no seu estudo exploratório de como as pessoas decodificam algoritmos a partir de diferentes modos de engajamento, atestam as maneiras pelas quais os indivíduos reforçam ou subvertem tacitamente as lógicas algorítmicas por meio de sua agência comunicativa. Por fim, Winques (2020), por meio de um estudo de recepção de matriz sociocultural com fiéis evangélicos e professores sindicalizados, buscou entender as relações de poder a partir das produções de sentidos dos sujeitos, levando em consideração as mediações algorítmicas como parte dessa estrutura de poder. Nesse sentido, a autora explorou, a partir do *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas*, os processos sociais que envolvem algoritmos e sujeitos, e investigou as implicações dessa relação na recepção e na circulação de informações jornalísticas nas plataformas digitais.

Uma perspectiva comum entre os estudos citados é a *escuta* dos indivíduos, que se dá por meio de métodos como a etnografia e a entrevista. São metodologias que auxiliam no processo de *ouvir* o que os usuários dizem e pensam. Portanto, oferecem pistas importantes de como os sujeitos se relacionam entre si e com as informações nas plataformas digitais. Diante disso, propõe-se que pesquisas que visam compreender as mediações, o consumo ou a recepção no espaço das plataformas digitais, ao utilizar do *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas*, devem levar em consideração os aspectos técnicos, circulatórios e de recepção/consumo no ambiente mediado por algoritmos. É nessa perspectiva que as plataformas digitais ganham importância como categoria de análise das mediações institucionais no processo de recepção – trata-se de investigar como os conteúdos são consumidos em um cotidiano atravessado pelas práticas sociais originadas de outras mediações do sujeito que auxiliam na formação das opiniões, ações e memórias. ■

## REFERÊNCIAS

- Beer, D. (2009). Power through the algorithm? Participatory web cultures and the technological unconscious. *New Media & Society*, 11(6), 985-1002. <https://doi.org/10.1177/1461444809336551>
- Benjamin, R. (2019). *Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim Code*. Polity Press.
- Bonin, J. A. (2013). *Notas metodológicas relativas à pesquisa de recepção midiática* [Apresentação de trabalho]. 22º Encontro Anual da Compós, Salvador, BA, Brasil.
- Bonin, J. A., & Morigi, V. J. (2019). Ciudadanía: En las interrelaciones entre comunicación, medios y culturas. In N. Jacks, D. Schmitz & L. Wottrich (Eds.), *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (pp. 215-240). Ciespal.
- Brignol, L. (2010). *Migrações transnacionais e usos sociais da internet: Identidades e cidadania na diáspora latino-americana* [Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos. <https://bit.ly/2X3aGkK>
- Bruno, F. (2008). Monitoramento, classificação e controle nos dispositivos de vigilância digital. *FAMECOS*, 15(36), 10-16. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.36.4410>
- Bruns, A. (2003). Gatewatching, not gatekeeping: Collaborative online news. *Media International Australia*, 107(1), 31-44. <https://doi.org/10.1177/1329878X0310700106>
- Bucher, T. (2012). *Programmed sociality: A software studies perspective on social networking sites* [Tese de doutorado, University of Oslo]. Repositório institucional da University of Oslo. <https://bit.ly/3KYJqvm>
- Bucher, T. (2020, 12 de julho). Imaginários e políticas dos algoritmos: Entrevista com Taina Bucher. *DigiLabour*. <https://bit.ly/39z018U>
- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Zahar.
- Christin, A. (2020). *Metrics at work: Journalism and the contested meaning of algorithms*. Princeton University Press.
- Cogo, D., & Brignol, L. (2011). Redes sociais e os estudos de recepção na internet. *MATRIZES*, 4(2), 75-92. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i2p75-92>
- Couldry, N., & Hepp, A. (2020). *A construção mediada da realidade*. Unisinos.
- Couldry, N., & Mejias, U. A. (2018). Data colonialism: Rethinking big data's relation to the contemporary subject. *Television & New Media*, 20(4), 1-14. <https://doi.org/10.1177/1527476418796632>

- Crawford, K. (2021). *Atlas of AI: Power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence*. Yale University Press.
- Escosteguy, A. C. (2004). Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In J. Machado, A. Lemos & S. P. Sá (Eds.), *Mídia.Br* (pp. 130-144). Sulina.
- Fausto Neto, A. (2010). As bordas da circulação. *ALCEU*, 10(20), 55-69. <https://bit.ly/2lYw7EZ>
- Fausto Neto, A. (2019). *Política entre ações comunicativas e circulações disruptivas*. 28º Encontro Anual da Compós, Porto Alegre, RS, Brasil.
- García Canclini, N. (2008). *Leitores, espectadores e internautas*. Iluminuras.
- García Canclini, N. (2020). *Ciudadanos reemplazados por algoritmos*. Bielefeld University Press.
- Gillespie, T. (2018). A relevância dos algoritmos. *Parágrafo*, 6(1), 95-121. <https://bit.ly/3fCjLvW>
- Hjarvard, S. (2015). Da mediação à midiaticização: A institucionalização das novas mídias. *Parágrafo*, 3(2), 51-62. <https://bit.ly/3sNMnpJ>
- Jacks, N. (1999). *Querência: Cultura regional como mediação simbólica*. Editora UFRGS.
- Jacks, N. (2014). *Meios e audiências II: A consolidação dos estudos de recepção no Brasil*. Sulina.
- Jacks, N., & Escosteguy, A. C. (2005). *Comunicação e recepção*. Hacker.
- Jacks, N., Schmitz, D., & Wottrich, L. (Eds.). (2019). *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero*. Ciespal.
- Kitchin, R. (2016). Thinking critically about and researching algorithms. *Information, Communication & Society*, 20(1), 14-29. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2016.1154087>
- Lomborg, S., & Kapsch, P. H. (2019). Decoding algorithms. *Media, Culture & Society*, 42(5), 745-761. <https://doi.org/10.1177/0163443719855301>
- Lopes, M. I. V. (2014). Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. *MATRIZES*, 8(1), 65-80. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p65-80>
- Lopes, M. I. V. (2018). A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZES*, 12(1), 39-63. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>
- Martín-Barbero, J. (2015). *Dos meios às mediações*. Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (1998). De la comunicación a la filosofía y viceversa: Nuevos mapas, nuevos retos. In M. C. L. Toscano & R. Reguillo (Eds.), *Mapas nocturnos: Dialogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Siglo del Hombre; Universidad Central.

- Martín-Barbero, J. (2011). La pertenencia en el horizonte de las nuevas tecnologías y de la sociedad de la comunicación. In M. Hopenhayn & A. Sojo (Eds.), *Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas: América Latina desde una perspectiva global* (pp. 105-126). Siglo Veintiuno.
- Martín-Barbero, J. (2017). *Jóvenes. Entre el palimpsesto y el hipertexto*. NED.
- Martín-Barbero, J. (2018). Dos meios às mediações: Três introduções. *MATRIZES*, 12(1), 9-31. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p9-31>
- Noble, S. U. (2021). *Algoritmos da opressão: Como os mecanismos de busca reforçam o racismo*. Rua do Sabão.
- O'Neil, C. (2016). *Weapons of math destruction: How big data increases inequality and threatens democracy*. Crown.
- Orozco Gómez, G. (2003). Los estudios de recepción: De un modo de investigar, a una moda, y de ahí a mucho modos. *Intexto*, 2(9), 1-13. <https://bit.ly/2m0M8dG>
- Orozco Gómez, G. (2005). O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva. *Communicare*, 5(1), 27-42. <https://bit.ly/2VXc9M3>
- Pieniz, M. B., & Wottrich, L. H. (2014). Receptores na internet: Desafios para o contexto de trânsito das audiências. In N. Jacks (Ed.), *Meio e audiências II: A consolidação dos estudos de recepção no Brasil* (pp. 73-94). Sulina.
- Pieniz, M. B., Silva, R. T., & Matos, L. S. (2017). Sujeito em trânsito na internet. In N. Jacks, E. Piedras, M. Pieniz & V. John (Eds.), *Meios e audiências III: Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil* (pp. 19-40). Sulina.
- Primo, A. (2007). *Interação mediada por computador: Comunicação, cibercultura, cognição*. Sulina.
- Rincón, O. (2017). Una conversa con el autor De los medios a las mediaciones 30 años después. In M. Moragas, J. L. Terrón & O. Rincón (Eds.), *De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero, 30 años después* (pp. 96-99). InCom-UAB.
- Rincón, O. (2019). Mapa Insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In N. Jacks, D. Schmitz & L. Wottrich (Eds.), *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (pp. 17-23). Ciespal.
- Ronsini, V. V. M. (2010). *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção)*. 19º Encontro Anual da Compós, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

- Silva, L. A. P., & Baseio, M. A. F. (2019). Narrativa(s): Como estratégia(s) de comunicabilidad. In N. Jacks, D. Schmitz & L. Wottrich (Eds.), *Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero* (pp. 161-188). Ciespal.
- Silva, T. (2021). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos* (2a ed.). LiteraRUA.
- Silveira, S. A. (2019). *Democracia e os códigos invisíveis*. Edições Sesc.
- Sloan, L., & Quan-Haase, A. (2016). *The Sage handbook of social media research methods*. Sage.
- Srnicek, N. (2017). *Platform capitalism*. Polity Press.
- Uricchio, W. (2017). Data, culture and the ambivalence of algorithms. In M. Schäfer & K. van Es (Eds.), *The datafied society: Studying culture through data* (pp. 125-138). Amsterdam University Press.
- Winques, K. (2020). *Mediações algorítmicas e espiral do silêncio: As dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://bit.ly/2OoXIOk>
- Zuboff, S. (2020). *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Intrínseca.

---

Artigo recebido em 13 de abril de 2021 e aprovado em 13 de junho de 2022.